



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ZELIRA EICHEMBERG

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Zelira Eichenberg

Nascimento: 03 de setembro de 1944

Local da entrevista: residência da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 30 de abril de 2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora e 09 minutos

Páginas Digitadas: 21 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação e entorno social; Envolvimento com a dança; Escola de Tony Seitz Petzhold; Aulas com o Professor Rolla; Escola de Dança João Luiz Rolla; Relação entre escolas; Locais onde a escola funcionou; Alunas em carreira artística; Aluna mestra; Formação profissional; O professor; bailarinos convidados; Espetáculos da Escola de Dança João Luiz Rolla; Figurinos; Formação e estilo de trabalho do Professor Rolla; Exame final e banca; Certificação do curso de balé; CODANÇA; Período após a formatura; Quantidade de alunos na escola; Notícias nos jornais; o uso da varinha; Relato final; Agradecimento.

Porto Alegre, 30 de abril de 2014. Entrevista com Zelira Mendes Eichenberg a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.O. - Qual teu nome completo?

Z.E. - Zelira Mendes Eichenberg

M.O. – Qual tua data de nascimento?

Z.E. – 03 de setembro de 1944

M.O. – Gostaria que tu falasses como iniciou tua história na dança?

Z.E. – Entrei com quatro anos na Escola de Ballet de Tony Seitz Petzhold¹ e lá conheci o professor Rolla que dava aulas para o primeiro ano de pontas. Depois de dois anos nas turmas iniciantes Dona Tony resolveu me subir de grupo e conversou com ele que não queria me aceitar por causa da idade, com medo que pudesse me prejudicar o crescimento. Foi então que fizeram uma reunião com meus pais e dona Tony, e eles se responsabilizaram. Continuei com o Rolla até ele organizar a sua própria escola. Fiquei com a Tony mais um tempo, e me transferi para o Rolla. Meus pais que decidiram isso. Sei que foi bastante difícil, pois todos me pediam que ficasse, pois falavam do futuro que eu teria se ficasse.

M.O. – Não queriam que tu saíesses da Escola dela?

Z.E. – Não! Porque ela me dava até a roupa para os meus espetáculos, isso as pessoas não ficavam sabendo. Fiquei sabendo muitos anos depois, porque o meu pai e minha mãe não tinham dinheiro. Meu pai na época era funcionário público e ganhava muito pouco. Quem pagava a escola de balé era uma tia do meu pai, também eu não sabia disso. E aí eu fui muito cercada, porque lá na dona Toni todos me queriam muito bem.

[INTERRUPÇÃO]

¹ Antonia Seitz Petzhold.

M.O. – A gente falava sobre passar para turma de Seu Rola no primeiro ano de pontas com seis anos...

Z.E – E eu era muito criança, eu tinha eu acho que cinco anos e meio, seis anos, e ele então disse que não colocaria sapatos em pontas, porque ele não queria se responsabilizar pelas minhas pernas, meus tornozelos, porque ele achava que era prejudicial. Ai a dona Toni insistiu muito dizendo das minhas qualidades. Eu sei que eles fizeram uma reunião. Eu não participei disso, fiquei sabendo depois. E por uma reunião de professores e tal, ele então ficou comigo na aula dele e eu terminei então colocando o sapato de pontas.

M.O. – Tu havias me falado de alguém ter assinado um termo?

Z.E – Eu acho que sim, minha mãe assinou. E eu me lembro disso assim, como se fosse hoje, que a minha mãe todas as noites me passava um liquido nas pernas, no tornozelo, óleo de mocotó, óleo de não sei o que, para fortalecer, e eu acho que eu fiquei com os tornozelos muito fortes, realmente não sei se foi por isso. [risos]. E não teve nem um tipo de sequela por causa do sapato de ponta, ele me preparou muito bem. Então, eu já era precoce assim nessas atividades. Quando o seu Rolla saiu, que formou a escola dele. O primeiro lugar foi em cima do tal do cinema Cacique, lá, era um lugar amplo, era a sociedade Libanesa. E lá... Eu me lembro de que a dona Toni já tinha barras na parede. E lá nesse lugar eram em cadeiras as aulas! E isso é uma coisa que me impressionou muito, porque eu já segurava na barra e de repente nas cadeiras, as cadeiras um pouquinho maior que eu, e eu achei muito interessante aquilo, mas era a forma que ele encontrou de poder dar às aulas, de barra, nas cadeiras.

M.O. – Sobre esse momento gostaria que me falasse porque a escolha pelo balé e também sobre o porquê teus pais optaram por sair da escola de Dona Toni e ir para a de João Luiz Rolla?

Z.E – Eu posso comentar contigo sobre mim. A minha mãe observou as minhas aptidões, então esse foi o primeiro momento. Acho q não havia muitas opções para meninas. Até folclore existia, mas a minha família não era muito ligada. Era o ballet. A mãe pensou e falou para os parentes do pai, porque os parentes dela todos não moravam aqui, e essa tia então disse: “Pode verificar que eu pago”. Existiram duas escolas

importantes em Porto Alegre, Lya Bastian Meyer² e Toni Seitz Petzhold. Eu não sei se o seu Rolla chegou a dançar com a Lya, mas como era poucos homens, na época, o bailarino ou o pretense bailarino, às vezes se pegava uma pessoa da ginástica para ser, para fazer o “partner”, fazer um “pax de deux”. Eu não sei, ele deve ter dançado com todas as escolas de Porto Alegre, para ele deve ter sido muito difícil ele optar por essa profissão, porque na época já era difícil para mulher ficar com a profissão de bailarina, imagina para o homem. E ele trabalhou com a Toni, não sei se trabalhou com outras pessoas. Ele já dava aula lá e resolveu então, não sei se pelo número de alunos, fazer a sua escola própria. Eu iniciei o ano com a dona Toni, e quando nós ingressamos o ano eu me lembro de que era outra professora, não lembro nem quem era, e eu senti muito, porque ele era uma pessoa rigorosa, era um homem que geralmente as meninas têm medo, mas eu gostava muito do trabalho dele e minha mãe também. Mas eu tinha muito carinho pela dona Toni, porque ela que tinha me apoiado, ela que sabia das minhas aptidões. Eu era muito cercada por todo mundo ali, e aí o meu motivo da saída, dado para a dona Toni, foi que eu tinha trocado o horário das minhas aulas no colégio e aí não tinha turma para mim no horário contrário. Essa foi sempre a desculpa, e cada vez que eu encontrava a dona Tony eu falava sobre isso para ela, porque eu reencontrei a dona Tony muitos anos depois dentro da ESEF. Fui aluna da ESEF e ela dava natação, dentro da ESEF. Então sempre se falava a respeito disso: “Por que você saiu?” [silêncio] Por que as meninas aprendiam balé? Porque as mães achavam no balé algo educativo para os gestos, para o movimento corporal ser mais delicado ou ser mais bonito além da disciplina e educação musical.

M.O. – Com a expressão “Meninas de sociedade” te referes a que?

Z.E – A família do meu pai tinha uma boa posição social, mas nós não. Eu estudava em grupo escolar com dificuldades financeiras. Eu não me lembro das dificuldades financeiras, eu posso te dizer isso, porque eu tinha bons uniformes, minha mãe era costureira, então ela fazia minha roupa, roupa de segunda mão ela costurava e adaptava. Então, eu sempre tinha roupa nova, o sapato sempre era o mesmo, [riso], polido. Então eu nunca senti para dizer: “Como eu era pobre, como faltava.” Eu nunca senti isso. Mas eu sei que entre as minhas colegas, todas elas eram financeiramente melhores que a

² Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz.

nossa família. Então, a sociedade de Porto Alegre na época se fazia pelo poder financeiro e pelo reconhecimento dos bons sobrenomes.

M.O. – Te referistes antes a uma dificuldade em ele ser um homem e ter uma escola, como tu consegues identificar isso?

Z.E – Porque todas as escolas de Porto Alegre na época eram de professoras. Todas eram mulheres. Depois do Rolla apareceram outras escolas com homem, Souvarine Louniev, que era o Piti, ele também teve uma escola. Então era o Rolla e o Souvarine. Comigo ele nunca dançou. Eu fazia pax de deus com o Rolla, na época, e Souvarine era muito alto e eu era pequenininha, então eu nunca dancei com ele, mas o Rolla sempre me emprestava para a escola dele para eu fazer o solo durante o espetáculo deles.

M.O. – Então a relação era boa entre estas escolas?

Z.E – Sim, muito boa relação deles. Sim, pelo menos dos dois. Da dona Toni não, porque ele deixou um vazio dentro da escola dela. Ela sabia que ele era um expoente, ela precisava muito dele e ela tinha excelentes alunas. A Eleonora Olios eu me lembro, eu tenho uma foto com ela, que foi uma das primeiras bailarinas que foi para o municipal, já tinha algumas alunas dela no municipal. Depois ela abriu as portas para muitos bailarinos que quisessem fazer aula. Eu me lembro de que houve alguns. Tais Virmond foi a primeira que fez o espetáculo de dança na televisão chamava “Na Ponta dos Pés”. Eu nunca me esqueço, que era um programa que não se perdia na minha casa, e ela já tinha um bailarino dançando com ela, mas isso ela já era adulta, não sei bem a idade dela.

M.O. – Era um programa de dança na televisão?

Z.E – Era um programa de dança com ela, com a Tais Virmond e o Sólon Almeida. E a dona Tony sabia das qualidades da Tais e penso que ela dirigia tudo. Foi uma das primeiras bailarinas de Porto Alegre.

M.O. – Então foi mesmo um choque quando ele saiu da escola?

Z.E – Sim. “Achômetros” não é?, eu não entendia muito, mas eu sei, porque ela sempre me falava nisso quando a gente se encontrava, ela sempre falava a respeito disso e ela

não manteve uma boa relação com o Rolla depois disso, não de brigar frontalmente, mas era sempre uma coisa longe assim.

M.O. – Me diga quais foram os endereços então que você estudou com o Rolla? Tu começaste em cima do cinema Cacique.

Z.E – Cacique, nessa sociedade e depois nós fomos para aquele prédio na General Câmara esquina com a Rua da Praia, o pessoal diz: do relógio. Ali já tinha barras na parede e tal, não sei quanto tempo, se foi de um ano para o outro, não me lembro. E depois dali para a Marechal Floriano, que também já tinha barras na parede, tinha um espelho lindo.

M.O. – Foi lá que tu concluíste o curso, na Rua Marechal Floriano?

Z.E – Foi lá na Marechal Floriano, eu tinha treze anos na época.

M.O. – E as estruturas desses lugares eram sempre uma sala de aula única?

Z.E – Assim, a sala principal, que era a sala com barras e espelho, depois tinha uma divisória com uma sala de espera, porque ele sempre se preocupou com isso, que os pais pudessem esperar no lugar, e tinha outra divisória que era onde ficavam os vestiários e depois os banheiros, o banheiro, às vezes era um banheiro só.

M.O. – Tu sabes me dizer se das tuas colegas formandas alguma seguiu carreira na dança?

Z.E – Bem, eu entrei logo nessa turma mais adiantada dele, e comigo estavam Manon Freire³, Diana Farina⁴, Maria Tereza Lenz⁵, Neuza Frasca⁶... Não, dessa turma não. Geralmente se formaram, mas deixaram o balé, e acho que da minha turma a Neuza Frasca continuou numa outra escola, saiu dali. Ela começou a fazer eu acho que jazz na época, e Maria Tereza Lenz e Diana não continuaram. A Manon continuou dando aula, porque ela foi para São Paulo e lá ela abriu uma escola. Eu continuei. Aos treze anos na formatura eu fui convidada pelo Rolla para dar aulas na escola. Eu trabalhava com as

³ Manon Freire, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

⁴ Diana Farina, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

⁵ Maria Tereza Lenz, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

⁶ Neuza Frasca, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

crianças pequenas, então já estava desenvolvendo as aptidões, para o lado profissional, sem saber que seria o meu futuro.

M.O. – Para as turmas preparatórias?

Z.E. – Sim.

M.O. – Até que idade ficastes na escola?

Z.E. – Eu fiz balé até a escola ir para o Araujo Viana. Fiquei bastante tempo lá, com os pax de deus na época. Sempre, sempre dançando. Eu só saí do Rolla quando eu entrei na faculdade.

M.O. – Qual curso tu fizeste?

Z.E. – Educação Física na UFRGS. Mas tu sabes que eu não me lembro, porque eu fui até os vinte e quatro anos dançando. Eu saí na gravidez do meu primeiro filho. Eu tenho dois filhos. Só que nessa época eu já não dançava com o Rolla. Havia um grupo chamado Codança⁷ que era um grupo de dança, ele funcionava ali na escola da dona Toni, da Cristovão Colombo, onde tinha balé moderno, balé folclórico e balé clássico, e ali nós propagávamos o balé indo a cidades, fazendo os espetáculos fora de Porto Alegre, e ali eu fiquei com a Maria Amélia Barbosa⁸, que já fazia aula na dona Toni quando eu era criança. Então ela me conhecia daquela época, e depois nunca mais eu fiz balé.

M.O. – Mas então nós vamos voltar um pouquinho, vamos voltar para o tempo que tu começaste a dar aula e tu continuaste te apresentando. Tu foste primeira bailarina, então tu fizeste vários momentos dançando com o Rolla?

Z.E. – Eu não fui, dizem que eu fui, é diferente. [risos]

M.O. – Como bailarina o que tu tens a dizer do professor? Dançando contigo na época.

Z.E. – Disciplinado, exigente, nós repetimos uma frase musical com movimento até ficar perfeito, perfeito dentro das condições que ele achava que era perfeito, porque ele era

⁷ CODANÇA, Companhia de Dança do Rio Grande do Sul criada em 1968 pela Profa. Tony Seitz Petzhold.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

muito exigente. Como ele dançava comigo, como partner, ele era muito exigente com ele e eu entrava nessa também, porque eu fui exigente minha vida inteira, isso ele passou para mim. Então, ele repetia a movimentação até ele achar que estava perfeito, quando ele deixou de fazer o partner, que ele me passou para outros bailarinos, como Harri⁹ que ele era professor de educação física em São Leopoldo, não lembro o sobrenome dele, mas as gurias devem se lembrar. Renê Flugrat, Jean Dubois, muitos dos pax de deus que eu tive a honra e a felicidade de fazer com o Jean, por exemplo, como ele tinha força, ele era espanhol, castelhano não sei bem... e o seu Rolla dava para mim, porque eu era pequenininha, porque eu tinha habilidade de correr e me atirar completamente no ar e ele me pegava, como é que faziam isso? Não sei, também não me preocupava muito com isso. Eu lembro que o Jean Dubois uma vez sofreu um acidente e quebrou uma ou duas costelas e ele foi ao espetáculo e dançou todo amarrado para não me deixar na mão, porque não tinha o que fazer, não tinha substituição, e a minha mãe me conta que quando eu corri e saltei no ar ela ouviu “ah”, “ai” dele assim, tu imagina. Eu não me lembro disso, não posso te dizer, porque nada modificava as coisas para mim, eu apenas dançava...

M.O. – Eles eram bailarinos convidados? Ou eram da escola?

Z.E – Eram convidados e não eram da escola. A maioria, porque o seu Rolla ele sempre primou muito pela moral e os bons costumes da escola dele. Então, assim a escola era de meninas, as mães ficavam do lado de fora, os pais vinham buscar e isso para ele era muito importante, que as pessoas confiassem nele. A não ser em época de espetáculos é que ele colocava homens para fazer aula com a turma mais adiantada, que já tinha mais tempo com ele, ele conversava com as mães: “Olha estou convidando uma pessoa, assim, assim...” Quando chegava alguém em um espetáculo de balé ele convidava alguém para dar uma aula especial para essas turmas mais adiantadas. Nós não tínhamos sempre um homem trabalhando conosco na barra, fazendo aulas de centro, isso nós não tínhamos, mas na época de espetáculo eu lembro que sempre tinha alguém. Esse professor de educação física de São Leopoldo, ele foi convidado, porque todo o professor de educação física tem uma habilidade de movimento e corpo, tem mais ouvido para musica. Então ele não era um bailarino nato, mas o seu Rolla naquele

⁹ Nome sujeito a confirmação.

tempo dava uma aula e ele então era quem fazia os pax de deus conosco. O Rolla chegou a ter um grupo de teatro trabalhando conosco. E alguns, que terminaram sendo pessoas que sempre nos auxiliavam nos espetáculos. Ele fez uma vez um espetáculo chamado Assassinato na Décima Avenida, e precisaria muitas pessoas em cena, não só mulheres, precisaria de homens. Então esses homens eu não sei de onde surgiram, mas nos tínhamos pessoas no teatro que ele convidava para fazer um “mise en scene”, que não eram verdadeiramente bailarinos, porque os outros espetáculos, infantis, muitas vezes, eu me lembro na Toni, que se colocavam as meninas mais velhas, maiores, vestidas de homem para fazer par com menina. Seu Rolla nunca gostava de fazer isso, então ele fazia coisas caricatas, como o circo, ele fazia o macaquinho, ele fazia o leão, ele fazia o domador, com crianças e animais, tudo fantasias e movimentos, mas ele nunca colocava, vamos dizer, para fazer um pax de deus, uma menina vestida de homem.

M.O. – Sobre os espetáculos e figurinos temos registro do trabalho do Dirson Catani para a escola. Tu sabes como começou a relação profissional com este figurinista?

Z.E. – O Cattani era um figurinista, na época não sei como se chamava, agora se diz estilista, estilista de moda, ele era ligado às artes e o Rolla pensando sempre muito na frente, pediu para ele desenhar, alguns modelos. Se não me engano, para o Ballet “Burlesco”. E parece que também sugeriu alguns cenários. Depois disso sempre ele nos ajudou. O Cattani observava nossos movimentos, ouvia a música e desenhava modelos lindos.

M.O. – Tu sabes me dizer por que ele não fazia bales de repertório?

Z.E. – Eu acho que ele era um coreógrafo de mão cheia. Ele queria criar! E outra coisa ele era muito cuidadoso, ele jamais colocaria uma bailarina em cena para fazer, por exemplo, Dom Quixote¹⁰, sem as qualidades que viu nos melhores bailarinos. Eu assisti alguns espetáculos de dança. A Sonia Lenck eu lembro que a família dela uma vez comprou um camarote, no teatro São Pedro, maravilha! E ela me convidou, a mãe dela me convidou, e eu fui bem arrumada para ir ao camarote para ver Nora Kovac e Istvan Rabovsky, e eles fizeram Dom Quixote, um dos espetáculos era Dom Quixote. E, por

¹⁰ Ballet Dom Quixote

exemplo, a fantasia do Dom Quixote, a coreografia do Dom Quixote eram coisas que a gente já sabia, muda um bordado, mas o tutu vermelho, algumas coisas já eram de prache assim, e o Seu Rolla sempre teve muito cuidado com isso, se ele não podia fazer, se eu vou fazer a coreografia que está assinada com o teu nome, ele jamais mudaria um pé, um braço.

M.O. – E como se dava este processo de o Cattani desenhar, as alunas receberem os desenhos, contratar costureiras...

Z.E. – Primeiro era assim, era entregue para as alunas, porque cada espetáculo, agora vamos pegar aqui os macaquinhos, aqui esta a fantasia dos macaquinhos. Eu me lembro que era uma foto, Xerox nem existia, mas era uma folha com o desenho da fantasia e em baixo dizia os tecidos, porque esses tecidos já tinham sido pesquisados pelas mães. O Seu Rolla tinha um... Como vou te dizer? Alguém atrás dele que assessorava sem salário nenhum, porque as mães queriam que tudo saísse o melhor, e essas mães pesquisavam todos tecidos, que foi o caso da mãe da Sandra Rosado¹¹. Então era a mãe da Sandra, a minha mãe iam nessas casas de tecido e tomavam nota do tecido, mais ou menos o preço, não lembro se naquela época tomavam nota do preço, e às vezes vinham até com o pedacinho do tecido para a pessoa saber. Mas lá na loja tu chegavas e dizias: Eu vim da escola do Rolla, eu vim comprar o tule para tal fantasia. Já estava lá separado, então era um trabalho a menos para todos os pais. Interessante, a gente verificava que tudo se realizava com o grupo, nada era sozinho. O Rolla tinha o cuidado de fazer testes com as fantasias. Havia outras mães que costuravam também, algumas costuravam só para a filha, mas a minha mãe sempre pegava coisas para fazer em época de espetáculo. A minha casa ficava cheia de penas, de tecido. A minha mãe às vezes ia para o centro, eu me lembro, com fio nas roupas, do tecido. Era uma coisa assim, em época de espetáculo a casa era o de menos, ela trabalhava muito. Na verdade todos na escola trabalhávamos para um bem comum, que era o espetáculo da Escola do Rolla, e o sucesso era garantido...

M.O. – Nós temos registro que vocês recebiam um certificado da secretaria de educação de conclusão do curso, e passavam por uma avaliação.

¹¹ Sandra Rosado, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

Z.E. – Eu tenho o certificado. E a avaliação geralmente era na época da formatura, o Seu Rolla devia conversar com esse grupo, essa banca examinadora: “Olha, vão ser apresentados vários exercícios, vocês devem analisar braços, pernas, ou o todo não lembro bem.” Porque a gente fazia barra, o centro, alguns exercícios de interpretação e cada uma apresentava uma improvisação com música, e a coreografia escolhida e feita por nós.

[INTERRUPCAO]

M.O. – Então tu falavas sobre a banca...

Z.E. – Isso, geralmente eram três ou quatro pessoas, se eu não me engano. Este certificado que a gente recebia eu usei para colocar no currículo, porque assim, eu nunca mais dei aula de bale, entre aspas, porque enquanto eu estava na faculdade de educação física da UFRGS eu dava aula num Conservatório de música. No centro da cidade, eu não me lembro do nome, e dali uma professora de Caxias do Sul me convidou para ir para lá, então eu ia para Caxias não sei se duas vezes por semana.

M.O. – E por que escolheu a educação física?

Z.E. – Eu me preparei para a engenharia, só para você saber, eu fiz o colégio Americano, lembro que no último ano se separava o pessoal que ia para a saúde, medicina, e eu fiz com quem ia para a arquitetura, engenharia, matemática. Então eu fiz pensando em fazer meu vestibular para engenharia ou arquitetura, mais engenharia, e de repente eu estou lendo o jornal, assim: Cursos na ESEF, não sei o que, para o pré-vestibular, natação. Eu disse, bem que eu poderia... Eu estava de férias, era verão, e eu fui fazer. Era na ESEF, eu pegava o Botânico, descia lá próximo, era bem pertinho, e eu comecei a fazer então a parte toda pratica, porque antes o vestibular era teórico e prático. E ali eu aprendi a nadar, que eu não sabia correr que eu não corria, e eu me lembro de que a gente fazia resistência, salto em altura, algumas coisas que era pedido para o vestibular, ai eu fui lá para fazer isso ai, para fazer uma atividade, e de repente eu me vejo entrosada, querendo fazer o tal do curso. Porque no currículo nos tínhamos dança, que era a dona Lia que dava, e eu fiquei pensando, vou fazer e fiz, e daí terminei não fazendo engenharia, acabei ficando. Eu tropecei numa coisa que eu queria fazer sem

saber e terminei sendo professora em educação física, isso em sessenta e sete, que foi a minha formatura, em sessenta e oito eu já estava trabalhando, as pessoas batiam na minha porta, porque na época era assim, não tinha escolas de educação física no Estado, era só aqui. Então quando eu vi, eu já era uma profissional. Eu trabalhei no Julinho, primeiro no segundo grau, mas em setenta e dois a minha vida deu uma virada dentro da educação física, eu trabalhava no Anchieta, eu trabalhava na Feevale, em Novo Hamburgo, logo que ela iniciou, eu dei um curso para professores que não eram diplomados, então eles faziam aquelas atualizações, alguma coisa assim, para poder dar aula no interior, e eu em setenta e dois fui fazer um curso em Santos, que era um tipo de curso de várias disciplinas dentro área da educação física, novidades que vinham da Europa, e ali eu fiz ginástica rítmica, na época chamada ginástica Moderna, depois foi Ginástica Rítmica Desportiva. Ali eu conheci a pessoa que trouxe realmente a ginástica rítmica para o Brasil, dona Ilona Peuker, e me achei. Sim, porque tinha o ballet, tinha a força, tinha todas as atividades que eu sabia e mais coreografia, que estava saltando assim pelos meus olhos, que eu não estava utilizando e realmente ai eu fiz o meu objetivo, o meu caminho. E dentro da educação física eu fui chamada para dar um curso de pós-graduação dentro da ESEF, foi ai que eu tive que largar a Feevale, tive que largar outros lugares, porque me abrangeu muito, porque eu continuava dando aula. Fiz pós-graduação de ginástica rítmica desportiva, e dai foi o caminho para entrar para a ESEF¹².

M.O. –Então quando tu começaste a educação física, tu paraste completamente o baile com o seu Rolla?

Z.E. – Sim parei o balé. Mas o Codança eu parei quando eu fiquei grávida em setenta.

M.O. – Então posso entender até aqui que tu estavas no Rolla, saiu do Rolla para ir para o Codança e depois para a faculdade?

Z.E. – Isso.

M.O. – Foi assim que aconteceu? E como é que foi essa saída do Rolla para o Codança? O Rolla ajudava no Codança também?

¹² Sobre a trajetória na ESEF a autora já concedeu entrevista a disposição em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/50039>

Z.E. – Não, assim... O Rolla tinha muitos amigos dentro da área da dança, todas essas pessoas, Maria Amélia, a Ceci Franck, todas elas apesar de trabalharem para Toni eram muito amigas do Rolla, elas eram até fãs do Rolla e tudo. Então eu só saí do Rolla quando eu não pude mais administrar a minha vida de dança, tinha que trabalhar, não era uma escolha – “Vou fazer o que meu coração mandar”, eu tinha que trabalhar me sustentar. Eu saí do Rolla e ele ainda estava no Araújo Viana, e fui dançar na Codança porque os horários eram mais flexíveis. Se eu fiquei grávida em 1971 eu devo ter saído na década de setenta. Fiquei trabalhando com a Maria Amélia lá no Codança eu acho que um ano, um ano e meio, não mais do que isso. Porque assim eu já trabalhava dentro da área de educação física, trabalhava no Julinho, no Anchieta, depois fui para o CETE. Eu me formei no segundo grau, no último ano do segundo grau eu fui para o internato no Colégio Americano, aí eu larguei o ballet. Então começou a minha escapada do ballet, porque era uma coisa muito dolorida para eu pensar que um dia eu teria que deixar. O meu grande objetivo na vida até os dezessete anos foi sair de Porto Alegre para o municipal, era uma coisa que eu estava me preparando e tudo porque o meu pai não deixou. Recebi convites e não consegui aceitar, meu pai era muito disciplinador e a gente tinha muito respeito, mas me causou certa revolta... disciplinada por fora, mas por dentro não. (risos). Então aquilo me desmotivou também muito, de não poder seguir a carreira de bailarina, felizmente eu encontrei um caminho muito bom.

M.O. – E falando em carreira, você lembra alguma aluna que conseguiu seguir a carreira como bailarina, e que despontou nacional ou internacionalmente?

Z.E. – Eu acho que nacionalmente não, mas acho que internacionalmente, sim. Não era do meu grupo, foi aluna dele depois de mim, não sei nem o nome, parece que é Sayô¹³, fui apresentada pelo Rolla. Se não me engano participou de um grupo de danças na Alemanha.

M.O. – Após tua saída como ficou o teu contato com a escola, tu assistia aos espetáculos?

Z.E. – Vou te dizer uma coisa, esporadicamente, porque eu sofria muito quando eu ia, eu queria era estar lá, eu não queria está aqui, então esporadicamente. Comecei a

¹³ Sayonara Pereira, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

acompanhar algumas colegas que estavam dando aula, como a Regina Guimarães, a Maria Cristina Futuro, e me restringi aos grandes espetáculos que vinham a Porto Alegre e mesmo assim com o pé atrás, não era sempre que eu ia porque eu terminava sofrendo. Eu trabalhava vinte e quatro horas por dia, e vou te dizer até assim: “Ah, mas você não dormia?”, eu dormia, mas me acordava pensando na música e na coreografia e levantava e ia escrever. Então é uma coisa que eu me dedicava muito e às vezes, final de semana, inclusive, eu estava em competição de ginástica rítmica, ou como arbitra ou como técnica, e os espetáculos eram feitos no final de semana e eu dificilmente ia.

M.O. – Entre os espetáculos dele que tu dançaste, tem algum que te marcou?

Z.E. – Grand Canyon Suite, que todos se lembram de mim por este espetáculo. Mas teve alguns espetáculos antes que me chamou muita atenção, por exemplo, o Chopin, o Brahms, que eu amei de paixão fazer.

M.O. – Era um espetáculo por ano no Zelira?

Z.E. – Era um mesmo espetáculo reprisado várias vezes. Todas as turmas participavam.

M.O. – E quando tu falas toda escola, te referes a quantos bailarinos, aproximadamente?

Z.E. – Mais ou menos acho que mais de 150 pessoas.

M.O. – Tu chegaste a ouvir esse número de alguém?

Z.E. – Não. Tinham algumas pessoas que não dançavam o espetáculo, nós tínhamos algumas mães que faziam aula, que não chegavam a se apresentar.

M.O. – Depois dos espetáculos os jornais da época noticiavam sobre o espetáculo, podes dizer alguma coisa sobre isto?

Z.E. – Lembro que liam isso, inclusive na escola, a gente chegava na outra semana lá estavam todos querendo saber das críticas. Havia poucos jornalistas que faziam críticas sobre artes.

M.O. – E sobre a metodologia do professor, me conta como é que era inserida essa varinha que todo mundo comenta?

Z.E. – Malu então eu vou te dizer uma coisa. Ele tinha uma varinha que eu nunca vi. Por quê? Porque eu era uma excelente aluna! Eu fazia sempre o que ele pedia, eu ficava depois da aula ensaiando. Esse espetáculo que todo mundo se lembra de mim por causa dos fuetes no Grand Canyon Suite eu ficava depois da aula horas e horas treinando. Então eu não me lembro do seu Rolla ter me chamado atenção ou elevado a voz em aula, eu não me lembro, porque eu nunca vi, mas eu sabia que ele batia o ritmo com essa varinha e às vezes no chão, porque ele passava de um lado da barra, do outro lado da barra, e ele vinha então batendo o ritmo. Isso era uma coisa que eu trouxe muito para a minha vida, porque os ritmos, a musica e as barras eram feitas sempre no mês. Então no início do mês ele fazia a barra e a gente treinava todo o mês aquele exercício e ai passava assim por diante. Eu não lembro Malu, de não me lembrar da barra, porque ele sempre – “Mas como vocês estão um mês fazendo...”. Eu sempre sabia fazer... então eu não via a vara, eu não via ele gritando. Por isso que as gurias diziam assim: “Prazer de estar na aula”, ninguém precisava me dizer – “Olha está na hora de...”, eu já estava indo. Mas a personalidade dele eu me lembro perfeitamente, ele tinha uma visão de disciplina e de exigência acima do normal, porque ele sabia que os cem por cento nunca nós íamos atingir, mas a exigência dele era fazer os setenta por cento e esse setenta por cento era o bom, porque nós não tínhamos nenhuma classe com exímias bailarinas, não era um Bolshoi, mas nós tínhamos gente que trabalhava e faziam os exercícios e faziam os espetáculos da melhor maneira possível, ele sabia disso, mas ele exigia. Essa coisa de ritmo que todo mundo falava, eu coreografei sempre na minha vida, sem ter partitura, porque a gente começava usar as musicas através de fita cassete ou através depois de cd, mas tu não tinha partitura das musicas modernas, mas eu conseguia. E eu vou te dizer assim, o meu ouvido foi tão bem preparado pelo Rolla que eu fazia essas divisões na musica, e faço até hoje, como partituras. Então eu conseguia fazer a história da minha coreografia em partitura musicas apesar de não as ter em mãos, é uma coisa intrínseca assim, de tanto ele se colocar dentro do ritmo e exigir isso também da gente.

M.O. – Quando tu assumiste profissionalmente outro caminho tu tiveste algum contato com o professor Rola?

Z.E. – Sim, os aniversários do Rolla eu sempre era avisada, a gente mantinha esse vinculo, mas era um vinculo de festas. Quando eu estava na ESEF, eu já estava como

profissional dentro da ESEF, dando atividades rítmicas, infantis e G.R.D., que agora é só G.R., surgiu uma oportunidade do pessoal da biblioteca tentar conseguir livros de ballet, eu lembro que esta parte na biblioteca faltava muita coisa, e eu tinha contato, acho que com a Sandra, alguém que me falava, que a Sandra Andreato, eu encontrei com ela de novo no Anchieta, e por intermédio dela eu fiquei sabendo que ele estava com dificuldades financeiras e que ele não tinha onde guardar aquelas coisas, porque ele tinha livros, ele tinha discos, ele tinha muitas fotos, que eram coisas que ele não podia estar mantendo. Não sei o apartamento dele, o que ele ia fazer ou ele ia para outro lugar, não sei bem o porquê. Mas aí eu comecei a intermediar esta possibilidade do Rolla vender, porque se pensou assim: “Ele precisa doar. Não mas nós não podemos pedir a doação, porque ele precisa de dinheiro, ele está precisando de dinheiro.” Então o que a gente fez, se fez um acervo de livros, eu acho que tem fotos, não sei se tem discos. Ele comprou um gravador, eu me lembro, de rolo, e todas as músicas eram passadas por esse rolo no espetáculo. Eventualmente nós tínhamos a pianista, como eu contei, eu acho que eu tenho até a foto dela aqui nesse arquivo.

[a entrevistada manuseia algumas fotos]

Não tenho, mas eu tinha essa foto. Aqui está a Neusa Frasca, que todo mundo fala, essa a Manon Freire, aqui é ele jovem bonito. Esse aqui é o do Teatro São Pedro, que ele fez maravilhas no Teatro São Pedro, Maria Tereza Lenz e a Ester, onde está a Ester? Mas houve um espetáculo que eu te falei que ele colocou o piano no palco para que dançássemos. Foi fantástico.

M.O. – Mas de maneira geral eram músicas gravadas?

Z.E. – Eram músicas gravadas. Então, eu acho que foi um dos primeiros aparelhos que eu vi de gravação, porque era uma coisa fenomenal, tudo era gravado ali. Então todas essas coisas ele queria vender para conseguir dinheiro, aí eu fiz essa intermediação para a biblioteca e a gente fez até um coquetel lá no dia, foi bem legal. Ele foi inclusive esteve nesse coquetel. Claro que não era muito... o que a gente conseguiu financeiramente, uns três mil reais, eu não lembro bem.

M.O. – Depois disso como era o teu contato com ele?

Z.E. – Só quando ele ficou doente, que eu fiquei sabendo e a morte dele, até ai a gente não tinha um contato assim.

M.O. – Então nós vamos chegando ao final e neste momento é teu para algum registro que queiras fazer.

Z.E. – É uma vida, não é? É uma vida assim. [Choro] Eu não penso na vida aos sessenta e nove anos sem essa parte, foi o inicio da minha educação e eu trago comigo ao final da minha vida, se eu tivesse que voltar tudo de novo eu queria ter a oportunidade de fazer as mesmas coisas, eu não perdi um momento na minha vida, como algumas pessoas – “Ah, a gente fica lá muito tempo trancada”. Eu não perdi nenhum momento da minha vida, porque tudo era feito com amor, eu vou colocar essa palavra porque eu acho importante saber desta relação que o Rolla tinha com as suas alunas, a parte disciplinar, de orientação, era uma vivencia que ele nos deu para que carregássemos para o resto da vida. Eu tive os meus pais que me acompanharam, sou filha única, uma época bastante difícil, que a educação era bem disciplinar, mas o Rolla fazia parte da educação, não era uma coisa em separado. Eu não sei se ele ficou sabendo da importância que ele teve para minha vida, mas eu sei que eu era uma pessoa importante para ele, eu reconheço isso também. Nada foi obrigado, nada foi colocado, agora nós vamos fazer isso, é uma coisa que nasceu, brotou e frutificou. A minha profissão foi embasada por todo esse tempo que eu tive com o Rolla, os campeonatos que eu ganhei de ginástica rítmica, o trabalho que eu fiz com as minhas atletas, sempre eu tinha essa semente, sempre, e o sucesso da minha profissão, porque eu fui uma pessoa de muito sucesso em todas as coisas que eu fazia por traz eu tinha a sementinha do Rolla.

M.O. – Que lindo isso.

Z.E. – é uma pena que eu não possa ter dito isso para ele, mas ele está sabendo.

M.O. – Não tenho dúvida. Recontar essa história também é sempre muito emocionante essa parte final de vocês também me toca muito. Acabo eu também achando que sou um pouco aluna dele.

Z.E. – Eu acho. [risos].

M.O. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]